

## **Educação musical no século XXI: conexões entre música e sociedade a partir de uma nova estética**

*Camila Valiengo*  
*Universidade São Marcos*  
e-mail: [valiengo@ibest.com.br](mailto:valiengo@ibest.com.br)

### **Resumo:**

Em meio a um contexto de grande mobilidade e alta velocidade de informações e transformações por que passam as sociedades atuais, a educação musical acompanha um novo perfil estético, abrangendo subjetividade e objetividade em propostas mais adequadas ao momento atual.

**Palavras-chave:** Educação Musical, contemporaneidade, onijetividade.

Os processos pedagógicos vão, ao longo da história da humanidade, buscando traduzir as características de determinada comunidade a fim de integrar seus membros e transformá-las segundo as necessidades emergentes. Assim, a Educação Musical necessita considerar os movimentos sociais que indicam suas próprias transformações.

No início desse século, vivenciamos a infinidade de modificações vindas com grande velocidade do século XX, no entanto, reflexões sobre esse tempo podem contribuir para a adequação da Educação Musical ao momento atual.

A maior marca do século XX foi a Revolução Científico-Tecnológica, que embora presente nos dias atuais possui características diferenciadas, reflexo de uma maior complexidade. Passou a ser fortemente representada pela internacionalização do mundo capitalista, também conhecida como globalização.

Graças aos avanços da ciência as técnicas da informação utilizando-se da cibernética, informática, eletrônica, vêm se relacionando com as outras técnicas que compõem o momento numa tentativa de unificar o planeta. Porém, segundo o geógrafo Milton Santos:

Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta, quando na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. (Santos, 2001, p.19)

A resistência à globalização começa então, a oferecer novas características a esse período histórico, favorecendo a heterogeneidade por meio de uma nova significação da cultura popular. Ainda que utilizando as técnicas de proliferação das informações, essa cultura popular relacionada diretamente à história de um povo pode gerar situações favoráveis de resgate do sentido comunitário e assim da condição humana.

A técnica surgida do desenvolvimento tecnológico – industrial – capitalista, passa a transformar as relações entre os homens e entre eles e o mundo, num processo de “coisificação”. Observa-se que quando o homem percebe que está sendo utilizado pela técnica, busca a mesma técnica para fugir disso e regressar às suas origens e à subjetividade tomada pela objetividade. É quando, por exemplo, a própria cultura de massa tenta estimular a afetividade através do cinema num resgate ao sentimento de amor, ou em um programa turístico revivendo uma natureza perdida.

“A cultura de massa passa a ser concebida como uma contra-alienação (ficando bem claro que uma alienação expulsa outra)”. (Morin, 1997- 9, p.13-14).

Um aspecto importante para entendermos esse momento é que as técnicas da informação unidas ao dinheiro, tido como centro de todo o movimento do mundo, sustentam a base ideológica dos tempos atuais, alterando as relações sociais e interpessoais e gerando uma predominância da competitividade no caráter das pessoas e conseqüentemente afrouxando os laços tradicionais de solidariedade.

Outro problema associado a essas técnicas e a ciência é a compartimentalização dos saberes e o excesso de informações que estimulam a geração descontrolada de conhecimentos pouco relacionados entre si. Vão surgindo cada vez mais especialistas nas diferentes áreas e nem assim o grande volume de informações é dominado, mantendo a fragmentação dos conhecimentos.

os conhecimentos fragmentados só servem para usos técnicos. Não conseguem conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmago da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios de nossa época. Não conseguimos integrar nossos conhecimentos para a construção de nossas vidas. (Morin, 2001, p.17)

Baseadas nessa constatação de que a fragmentação do conhecimento e de tudo que compõe o mundo, impede as possibilidades de reflexão e de encontrar alternativas para os problemas que ao contrário não são fragmentados, são multidimensionais, algumas teorias vêm se desenvolvendo desde a segunda metade do século XX. Essas teorias ainda não estão sedimentadas, mas nos remetem a um pensamento crítico sobre a Educação Musical, suas possibilidades, meios e funções.

Como manter uma Educação Musical composta essencialmente por “treinamentos” técnicos? Como não pensar a Educação Musical inspirada por propostas que considerem o momento e o contexto ao qual pertencemos, isto é, com grande mobilidade e alta velocidade de informações e transformações, tornando-se necessária a ampliação de fronteiras e a inclusão de diversas representações, respeitando o diferente, o novo e percebendo a inter-relação entre tudo que compõe a vida?

Vários foram os métodos de Educação Musical produzidos no século anterior e, como sabemos, suas concepções deram-se em momentos específicos de existência de uma dada sociedade, de acordo com suas necessidades e com a definição de música vigente. Alguns desses métodos educativos, porém podem oferecer contribuições que transcendem limites de tempo e de espaço e além de expressar um conceito de música de um instante específico, demonstram a atualidade de sua proposta no momento presente.

Se as propostas da primeira metade do século XX buscam uma sistematização do ensino de música de acordo com uma concepção única e particular de música, as propostas da segunda metade caminham no sentido da ampliação e atualização de conceitos, repertório e formas de atuação. São calcadas nas características desse novo tempo e mantêm a intenção de incentivar a identidade humana tanto quanto os educadores da primeira metade do século XX, agora dando uma visão mais total da vida, apresentando alternativas menos presas às convenções musicais e estando mais adaptados às novas tecnologias ou até mesmo à falta delas, já que as diferenças econômicas e sociais são cada vez mais evidentes.

A partir da segunda metade do século XX a Educação Musical deixou de ter um caráter horizontal linear, como ocorreu na primeira metade, e passou a formatar-se num modelo de rede, com ênfase num processo não determinado à priori, baseado na interdependência de conteúdos e não teleológico, isto é, sem começo nem fim pré-estabelecidos.

Estimula-se, a partir da década de 1960, uma nova escuta, ampliando as possibilidades sonoras para incorporar um conceito musical mais atual que envolve ainda mais criatividade. Esse novo conceito de música não decorre somente de uma estética diferenciada, mas também das outras funções que a música passa a assumir de acordo com as atuais necessidades das sociedades, aproximando-se do que Mário de Andrade denominou em meados de 1940 como “arte funcional”.

As aulas que passam a ser ministradas no âmbito das novas propostas de Educação Musical são muito calcadas em experimentos desenvolvidos pelos próprios alunos que envolvem novas fontes sonoras, criações coletivas, novos conceitos de tempo, utilização de planos sonoros ao invés de alturas definidas e texturas diversificadas. Há uma ampliação de possibilidades para a composição, explorando também a politonalidade e o atonalismo. Além dos instrumentos convencionais é inserida uma gama teoricamente infinita de possíveis fontes sonoras instrumentos que compreende de sucatas a computadores, sons da natureza ou qualquer recurso que possa produzir alguma contribuição sonora.

Não há um formato a ser seguido, mas propostas que, na maioria das vezes, estimulam o envolvimento entre professor e aluno por meio de estudos e pesquisas, criação, improvisação etc, ao invés de planos de aula fechados em si, dando margem a inúmeras reflexões.

Todas essas transformações sociais e educacionais vão compondo um novo perfil da sensibilidade humana, isto é, uma nova estética (do grego *aisthéticós* que significa sensível, sensitivo), integrando subjetividade e objetividade.

A estética e a teoria da música do nosso tempo partem do conceito de um universo sonoro que é considerado como um todo dinâmico e indivisível, que sempre inclui o homem num sentido essencial. Estética e teoria partem do conceito de um mundo que deixou de ser ou subjetivo ou objetivo para tornar-se onjetivo, ou seja, tanto subjetivo quanto objetivo. (Koellreutter, 1997, p.49)

Essa integração entre tudo que compõe a vida incluindo as artes e a música, instiga a criação de possibilidades à práxis da Educação Musical em que o humano e seja o ponto de partida das propostas, incentivando maiores significações entre os efeitos da obra de arte, da criação artística, do seu conteúdo e da diversidade de emoções e sentimentos que ela possa suscitar nas pessoas.

Que a busca da coerência sempre necessária entre realidade social e conhecimento construído contemporaneamente sustente a Educação Musical!

## Referências Bibliográficas

- Gainza, Violeta Hemsy. (1990). “A improvisação musical como técnica pedagógica”. In: *Cadernos de Estudo: Educação Musical*, nº 1 (Org. Carlos Kater). São Paulo: Atravez, p.22-30.
- Koellreutter, Hans Joachin. (1997). “Por uma nova Teoria da Música, por um novo ensino da teoria musical”. In: *Caderno de Estudos: Educação Musical*, nº6 (Org. Carlos Kater). São Paulo: Atravez, p.45-49.
- Morin, Edgar. (2000). *A cabeça bem feita: repensar a forma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Santos, Milton. (2001). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.